

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Jornal de Brasília*

Class.: 1577

Data: 15.08.90

Pg.: _____

IANOMAMI

O Estado não deve fugir

O preço do desenvolvimento não pode ser o sacrifício do índio

ELIANA LUCENA

Especial para o JBr

que mais poderemos fazer por vocês, ianomamis? Encontrá-los é renovar a sensação de impotência diante do extermínio de mais um povo que desaparece sem ter tido tempo de entender que era mocinho ou bandido nesse faroeste dos anos noventa. O ronco dos aviões espantando a caça, os rios carregados de lama e mercúrio e vocês, mendigos em sua própria terra, à espera da farinha que chega das mãos de quem invade, em nome do progresso, e justifica o sacrifício de vidas, lembrando a conquista do oeste norte-americano. O que fazer e o que escrever um ano depois, se nada mudou, se o governo, mais uma vez, insiste em explodir pistas e eleger alguns bodes expiatórios para uma situação, que envergonha e nos coloca diante do mundo como genocidas de um povo indefeso? Como dizer para estes índios, com os rostos marcados pela cinza, simbolizando o luto, que ainda é hora de reagir e que a riqueza do seu subsolo representa a sua tragédia? As roças foram abandonadas em troca do arroz e da farinha ou de um Melhoral qualquer para tentar aplacar doenças que acabam por dizimar famílias inteiras. O cacique de surucucus pede aos visitantes óculos e calcinhas para substituir as tangas vermelhas tecidas em algodão pelas índias ianomamis, num sentimento de inferioridade absurdo. Ele é dono daquelas matas que encobrem minas de cassiterita e ouro de valor incalculável. Não ganha royalties, ou qualquer outro tipo de participação nos lucros — apenas é alimentado e assiste, com aparente indiferença, o sobe e desce dos aviões carregados de minérios. O governo ausente compactua; os militares da



Arquivo

fronteira se omitem, e com isso, fica difícil não sentir até uma ponta de simpatia pelo dono do garimpo que dá a farinha e trata os ianomamis de "meus índios", depois de passar por outras áreas de onde os garimpeiros foram retirados nos últimos meses. Abandonados pelo invasor e pelo tutor, no caso a Funai, os índios nesses locais estão morrendo de fome. O olhar bafrense do menino no posto de Paapiú é algo que não se pode esquecer. A impotência diante de tudo isso leva à perplexidade. A mãe índia não aceita ser levada de avião até Boa Vista com os jornalistas. Se for para a cidade, ela poderá ficar até meses esquecida na Casa do Índio sem transporte para voltar. Uma semana depois, será que aquela criança ainda está viva? Enquanto tudo, isto acontece os políticos fazem campanhas milionárias por toda Roraima, muitos deles com o dinheiro que conse-

guiram nas terras dos índios ianomamis. Agora se fala em novas explosões de pistas de pouso clandestinas, espetáculo caro e inútil. Todo mundo sabe em Boa Vista que muitas crateras abertas a dinamite há três meses, chegaram a ser exploradas pelos garimpeiros à procura de ouro e que outras foram recuperadas. Como será agora o novo espetáculo? Um ou dois donos de garimpos presos ou expulsos da área e uma operação de guerra, de dois ou três dias para depois tudo ser novamente esquecido, até que o presidente Bush ou o príncipe Charles resolvam marcar a data para conhecer os ianomamis? Ou que o Banco Mundial reforce o bloqueio de recursos para projetos estratégicos exigindo em contrapartida programas de proteção ao meio ambiente? Estas não deveriam ser as razões para o governo montar operações na selva de combate a um "inimigo" que ele mesmo moldou à sua imagem e semelhança? O que acontece em Roraima hoje atingiu em outras décadas os parakanãs, no Pará, os suruí e cinto larga, em Rondônia e outros índios. A justificativa de que o preço do desenvolvimento passa pelo sacrifício dos índios é algo injustificável na chegada do segundo milênio. O argumento de que os países desenvolvidos agiram da mesma forma e por isso, não podem cobrar acordo do Brasil, é no mínimo cínico. No Brasil temos índios tutelados, de acordo com a Constituição, e os ianomamis, mais que nunca, precisam da presença do Estado. Sem isso, em poucos anos, eles terão desaparecido e nós ficaremos encarregados de prestar contas às gerações futuras.

□ **Elana Lucena tem 18 anos de trabalho voltado para questões indígenas e fundiárias. Tornou-se uma das mais respeitadas e conhecidas jornalistas do País neste setor.**